



## Aprender a viver

*Antonio Carlos Tarquínio*

A questão essencial é que podemos passar sem uma série enorme de aborrecimentos e angústias de toda sorte, que nos entulham a existência, se nos interessarmos por aprender a *tecnologia* do viver, ofertada por pensadores antigos. Pode-se afirmar que na medida em que meditaram fundamentamente acerca dos problemas humanos, propuseram alternativas de solução, de tão sublime alcance, que até hoje possuem plena eficácia. Eis o motivo de haverem se perenizado através do fio do tempo.

Aprender a viver é fundamental. Disso sabiam os filósofos antigos. De certa forma a interrogação do Cristo: “De que adianta ganhar o mundo todo e perder sua alma?” já havido sido explorada e desenvolvida aproximadamente quatro séculos antes de sua aparição por Platão, que em muitos de seus diálogos refletiu acerca da importância e da centralidade da alma ante as outras realidades da existência.

Seguiram-no de perto os estoicos no tangente à desenvolução das questões pertinentes à arte de viver, deixando de lado a metafísica do filósofo ateniense, que consideravam inadequada à captação do que, para eles, constituía a realidade essencial.

É porque o Sócrates histórico refletido em alguns diálogos platônicos foi totalmente absorvido — por exemplo — por um Epicteto.

Alguém poderia argumentar que Epicteto se encontra a quilômetros de distância dos fundadores do Pórtico — do Estoicismo primitivo — e que, portanto, não serviria de exemplo no tocante ao uso do platonismo supostamente levado a cabo pelo Estoicismo.

A hipótese seria verdadeira se o Estoicismo não tivesse começado sob a inspiração de Antístenes, discípulo direto de Sócrates, que viu no mestre de Platão um modelo de vida, uma vez que para ele Sócrates foi aquele que, fundamentalmente, não só ensinou a viver, mas sobretudo a bem viver.

Tanto Sócrates como Epicteto ensinavam — *mutatis mutandis* — ser a ética o caminho da felicidade entre os homens. Ambos depositavam suas esperanças na depuração e acrisolamento da alma, de modo a que a verdadeira virtude viesse a curar o mundo de todas as suas doenças e desequilíbrios.

Certamente, Jesus ratificou plenamente a visão de Platão — pelo menos aquela apresentada em alguns de seus diálogos. E quanto a Epicteto — ele seguiu para além do Cristo (considerando a linha do tempo) com as ideias que foram enriquecendo a noção de alma, apesar de sua descrença na continuidade da vida *post-mortem*.

Se para Platão e Jesus a *psyche* é considerada imortal, para Epicteto esta é compreendida como *o centro decisório da criatura*, conceito impossível de ser enucleado no pensamento do filósofo ateniense, que acreditava haver muitas almas no homem.

Somente depois que foi estabelecida a noção de “vontade” como poder determinante-não-determinado, situado no coração do homem, é que pôde ser fixada uma verdadeira filosofia da vida.

Enquanto o homem foi pensado e compreendido como ser determinado por causas exteriores, nenhuma sabedoria existencial encontrou espaço seguro para se estabelecer.

O Estoicismo fixou as bases sobre as quais, desde a Antiguidade, se fundaram os alicerces sólidos da arte de viver.